

SANTÍSSIMA TRINDADE

Seminarista Alexandre Paludo Bressiani

“Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo”

Perguntas ou afirmações que todos *sentimos* ressoar dentro de nós, ou pelo menos já *ouvimos* da boca de outras pessoas:

- **Quem** é Deus? **O que** é Deus? **Como** podemos conhecê-lo? **Quem** criou Deus? **De onde** veio Deus? Deus é amor, e o que isto significa? Deus **ama** a todos ou só os cristãos? Alguém já **viu** a Deus? Deus é uma **pessoa**? Que **aparência** tem Deus? O que significa dizer que Deus é **onipotente, onipresente e onisciente**? **Onde** está Deus agora? **Onde** está Deus quando sofremos? Deus **morreu na cruz**? O que significa dizer que Deus é **Pai, Filho e Espírito Santo**? Qual a **importância** de crer num Deus Trindade? O que **muda** na espiritualidade e práxis cristã crer em Deus que é comunhão de pessoas?
- “DEUS é um só, ELE é o mesmo para todos...” “*Afinal de contas, o que realmente importa, apesar de minha religião, é que Deus permanece sendo **igual** e o **mesmo** para todos.*”

Podemos **INCORRER** em algum tipo de risco ou equívoco na compreensão de nossa imagem cristã de Deus com a afirmação acima?

Vivemos hoje uma **“volta do sagrado”**, o retorno de uma religiosidade, tanto em escala mundial como em escala local, inclusive dentro do próprio cristianismo (Charles Taylor).

A tendência de usar o nome **DEUS** em nosso tempo para tudo.

Desse modo, surge a questão: ***Mas, de que Deus estamos falando? Do Deus revelado em Jesus de Nazaré? Será o Deus que nós rezamos o Deus cristão?***

A principal tarefa da teologia cristã não é mais responder às provocações do **ATEÍSMO** e do **RACIONALISMO**, como se fazia a pouco tempo atrás na Europa ocidental. Hoje mais do que querer provar a existência de um Deus abstrato, como se fez no passado através das lógicas da teodiceia, somos desafiados a apresentar a humanidade do rosto do Deus que pode ser experimentado e encontrado na história da salvação.

Por isso, mais do que combater aqueles que negam a existência de Deus, temos que combater de forma determinada as **FALSIFICAÇÕES** e **MANIPULAÇÕES** do Deus de Jesus, falsificações e manipulações essas cometidas pelos próprios cristãos (BLANK, 2013, p. 45-61).

Nós corremos o risco de falsificar, manipular, domesticar a imagem de Deus a partir de nossas projeções pessoais.

Dizer e agir em nome de um Deus **“em nome”** de algo que Ele não é, atualmente, pode ser uma das piores blasfêmias de nosso tempo (2º mandamento).

O princípio fundamental... “Não podemos dizer **o que Deus é em si mesmo**; só podemos dizer o que Ele é para nós **na história de Cristo**, que nos alcança em nossa história (MOLTMANN, p. 300, 2014).

“O mistério da Santíssima Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. É o mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, é a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental e essencial na hierarquia das verdades de fé” (CIC, n. 234).

Teologia trinitária: é preciso tomar plena consciência desta ousada e desafiadora proposta de nossas aulas, buscarmos **conhecer e encontrar o próprio Deus, na sua identidade e na maneira que Ele tem de agir e se comunicar conosco.**

E como podemos fazer isso?

1. Do texto Bíblico da Sagrada Escritura, que acreditamos ser inspirada pelo Espírito de Deus;
2. De Jesus Cristo e do que Ele nos contou sobre Deus;

3. Da nossa própria experiência de Deus, que a Igreja nos ajuda a ler e interpretar;

Três *palavras-chaves* que guiarão o nosso caminho: **EXPERIÊNCIA - ENCONTRO – COMUNHÃO**.

O nosso método: Refletir sobre a **EXPERIÊNCIA** daqueles que, antes de nós, fizeram a **EXPERIÊNCIA** de Deus, refletiram sobre ela e a transmitiram a nós. E, ao mesmo tempo, mostrar como esta **EXPERIÊNCIA**, é o **ENCONTRO** com um Deus que é **COMUNHÃO**, ou seja, comunidade de pessoas.

1. A aventura de *pensar e falar* sobre o Deus de nossa fé

1.1 A reflexão acerca do mistério de Deus

Todas as religiões têm **EM COMUM** a crença em Deus. A palavra DEUS, portanto, não é privilégio do Cristianismo.

Deus, em português, vem do latim *deus* e tem cinco significados:

1. Princípio supremo considerado pelas religiões como superior à natureza;
2. Ser infinito, perfeito, criador do Universo;
3. Nas religiões politeístas, divindade de personificação masculina, superior aos homens, e à qual se atribui influência especial, benéfica ou maléfica, nos destinos do Universo.
4. Objeto de um culto ou de um desejo ardente, que se antepõe a todos os demais desejos ou afetos.
5. Princípio supremo de explicação da existência, da ordem da razão universais, e garantia dos valores morais. (Dicionário Aurélio)

Parece **RAZOÁVEL** ou **SUFICIENTE** estas definições para conhecermos ao Deus que nossa fé adora e que proclamamos em nosso batismo como o centro da vida cristã?

Iniciamos, portanto, uma inegável aventura: de conhecer a Deus, de uma **EXPERIÊNCIA** e um **ENCONTRO** em maior profundidade com Ele. A tentativa de um conhecimento mais íntimo de Deus, o Deus da nossa fé cristã, que é uma **COMUNHÃO** de pessoas, aquele em quem cremos e que é Sentido de nossas vidas”.

1.2 A revelação do nome de Deus

O nome **JAVÉ (tetragrama) - Ex 3,13-14**. O tetragrama YHWH (יהוה) significa: “*Eu sou aquele que sou*”. Não tomarás o nome de יהוה, em vão, pois יהוה não considerará impune aquele que tomar seu nome em vão” (Ex 20,7).

Entre os diferentes nomes de Deus no Antigo Testamento, o de Javé tem a primazia do nome revelado por Deus mesmo. Com essa denominação o próprio Deus se dá a conhecer. Mas o nome não deve ser separado dos acontecimentos que acompanham sua revelação. Javé não se dá a conhecer em seu mistério tal como é, senão sobretudo como vai mostrar-se à Israel, para libertá-lo, como antes se havia mostrado aos patriarcas e os tinha guiado. Só assim vai revelar algo de sua essência (LADARIA, p. 124-127, 2005).

Com as diferentes experiências históricas, o **NOME DE DEUS** irá enriquecendo-se com novas conotações. Mas deve-se ter presente que o ser e o atuar de Deus se correspondem, não são contraditórios.

Em seu agir concreto Deus dará a conhecer seu ser, na guia do povo escolhido, na libertação do Egito que se seguirá quase imediatamente a essa revelação do nome, e em toda a história posterior do povo de Israel.

O que Deus quer fazer compreender a Moisés é uma expressão de seu ser Deus. *O que é Deus em si mesmo se conhecerá a partir do que Ele será para o seu povo.*

Javé é para Israel o único que existe, pois é seu único salvador (Is 43,10-11), é aquele que o fará sair da escravidão do Egito (Ex 3,9-11).

Ex 20,2-3 – “*Eu sou Javé, sou teu Deus, que tirou do País do Egito, da casa da escravidão. Não haverá para ti outros deuses diante de mim*”.

A pretensão de Javé de ser o único Deus para o seu povo está na base do **MONOTEÍSMO RADICAL**, que afirma claramente a existência de um só Deus.

Deus também envia profetas para ser porta-voz da sua revelação. Os profetas falam em nome de Deus, proferem seu juízo, o julgamento de Deus sobre a vida do povo. Foi com o profeta Elias que o monoteísmo se firmou em Israel. Ele combateu o deus de Baal para mostrar a unicidade de Deus (1Rs 18,25-30).

Falar a respeito de Deus, é uma aventura que não basta somente a inteligência, é necessário **humildade e fé**. Em Deus nós experimentamos mais do que conseguimos expressar e transmitir.

Por mais que tentemos compreender o **mistério** de Deus – o Deus dos cristãos **não se deixa capturar**. Quando nós afirmamos que Deus é um **mistério**, não quer dizer que não possamos conhecê-lo. Diante de um **mistério** nós nunca chegamos a sua compreensão em profundidade, mas podemos conhecer uma parte.

A totalidade do **mistério** de Deus é maior que qualquer adequação humana, porém se dá na **EXPERIÊNCIA** e, por isso, a pessoa pode se relacionar com Ele. Dimensão **ativa (fazer)** e **passiva (afetar-se)** da **EXPERIÊNCIA**.

O **mistério** de Deus nos é revelado em sua transcendência e proximidade, visto que Ele se autocomunicou e se fez dom para nós. Para nós cristãos a palavra **mistério** não pode ser reduzida apenas como algo secreto, escondido ou mesmo oculto.

Após o evento central da encarnação de Jesus Cristo, **mistério** central da fé, a compreensão do **mistério** de Deus se dá como “revelação e ocultamento”.

Deus se apresenta como **mistério** absoluto (transcendente), mas também sob o **modus** da proximidade pela autocomunicação do próprio Deus (Jo 1,1-18).

Esta ação reveladora do **mistério** de Deus tem a sua iniciativa em Deus **Pai**, que se autocomunica no **Filho**, pela ação do **Espírito Santo**.

Daí que podemos concluir que: os “três mistérios da Trindade” são explicitação e o desdobramento do único **mistério** de Deus.

A Deus é preciso primeiramente **EXPERIMENTAR COM O CORAÇÃO**, e só, posteriormente, refletir com a razão. O conhecimento de Deus nasce da experiência de Deus. Tem razão Blank: “Deus, afinal, só pode ser conhecido quando se faz uma experiência dele” (BLANK, 2008, p. 13).

Conhecer a Deus é uma atitude de fé, o que significa o risco de saltar. Deus somente pode ser conhecido mediante um relacionamento pessoal. Somente o “**salto de fé**”, o risco pode nos proporcionar o verdadeiro relacionamento com Deus (Kierkegaard).

1.3 O discurso trinitário sobre Deus

Deus é Pai, Filho e Espírito Santo. É isso que o Credo, Símbolo da nossa fé, diz. Esta oração, que recitamos todos os domingos na celebração eucarística, nos fala fundamentalmente três coisas:

Creio no Pai, Creio no Filho, Creio no Espírito Santo. O conteúdo Deus é Pai foi manifestado **no e pelo** Filho.

E **no** Filho, Deus, aquele a quem ninguém podia ver e continuar vivo (Ex 33,11-20), torna-se um de nós, ganha corpo, em carne e osso, como nós (Hb 4,15).

Este conhecimento só é possível **no** Espírito Santo, de tal modo que “ninguém pode dizer ‘Jesus **é** o Senhor’ a não ser **no** Espírito Santo” (1Cor 12,3).

1.4 O exílio do discurso trinitário

Percebemos nas liturgias e celebrações a experiência de um Deus trinitário? Mesmo quando as orações são dirigidas ao Pai, pelo Filho e no Espírito Santo, **entendemos** no Deus trinitário uma comunhão de pessoas? Qual a **experiência** do Deus Trindade em nossa

espiritualidade e vida de fé? Quando pronunciamos o nome do Deus de Jesus ou manifestamos a nossa fé e a nossa adesão a ele, **pensamos** em alguém abstrato, alguém que vive isolado na sua glória? Falta-nos uma **mística** trinitária para compreendermos e aprofundarmos de verdade o mistério de Deus?

Durante muito tempo a **Trindade viveu um exílio**, um esquecimento, por assim dizer, nos teoremas teológicos (FORTE, 1949, p. 11).

Esse isolamento da doutrina trinitária mostra as carências observáveis na **prática dos cristãos** (ética), a distância entre a teoria e a *práxis*.

Quer dizer, que o **específico do cristão** que é a fé no Deus trinitário, em vários aspectos, negativamente, parecia não ter incidência prática.

Com isso, o que se quer dizer é que se tentou explicar e analisar o mistério trinitário a partir de especulações filosófico-teológicas, onde, a partir dos diversos atributos divinos, se procurou estabelecer “quem é Deus” e, **posteriormente**, “como Deus é uma Trindade”.

“Poderíamos, portanto, arriscar a afirmação de que, se o dogma trinitário tivesse que **ser eliminado como falso**, a maior parte da literatura religiosa poderia, neste processo, permanecer inalterada” (RAHNER, 1978, p. 286).

Parece que pouca importa, seja na doutrina da fé seja na ética, que Deus Uno e Trino (Moltmann, 1983, p. 11).

Rahner partia do princípio de que o Deus de Jesus, isto é, **o Deus dos cristãos, é a Trindade**. Mas ele não via isso na prática. A experiência de Deus trinitário não perpassava nem a teologia nem a espiritualidade. O Deus do qual tanto se falava e ao qual as pessoas se dirigiam em seus cultos e orações era um Deus genérico, de modo que, se a doutrina trinitária fosse declara herética, pouco se mudaria na teologia e na liturgia (OLIVEIRA, 2017, p. 6).

“Será um Deus cristão o Deus dos cristãos? Esta pergunta, aparentemente paradoxal, nasce espontaneamente se se considera **de que modo** muitos cristãos se representam o seu Deus. Na conversa falam sobre ele referindo-se a uma vaga “pessoa” divina, mais ou menos identificada com o Jesus dos evangelhos ou com um ser celeste igualmente impreciso. Na oração falam com esse Deus um tanto indefinido, achando estranho, para não dizer abstruso, o modo segundo o qual a liturgia faz orar ao Pai por Cristo no Espírito Santo: **reza-se a Deus, mas não se sabe rezar em Deus!**”(FORTE, 1949, p. 11).

“A Trindade divina foi vista simplesmente como o **mistério incompreensível**, mais do que como fundamento e princípio de nossa salvação. [...] a doutrina da Trindade sofreu em algumas épocas um certo ‘afastamento’: uma vez afirmado que Deus é uno e trino, depois praticamente se deixou de lado, ou ao menos não teve muitas repercussões nos **desenvolvimentos de boa parte das matérias restantes**. [...] em certos momentos da história produziu-se em amplos estratos de crentes uma certa diminuição do sentido da **originalidade** do monoteísmo cristão, da visão cristã de Deus” (LADARIA, 1998, p. 29).

1.5 Passos para uma teologia trinitária atual

A volta à **pátria trinitária**: “A divindade de Deus – no centro, exatamente, de toda preocupação monoteística – não será, com isto, sacrificada: será pensada cristãmente à luz da humanidade de Deus, do revelar-se em **termos históricos**, do Pai, do Filho e do Espírito” (FORTE, 1949, p. 11).

Bruno Forte no livro *A Trindade como história*, apresenta uma leitura do mistério trinitário a partir de todo o progresso da sistemática oriundo do Concílio Vaticano II. Influenciado por Karl Rahner, o Concílio vai ter como ideia trinitária central a **“Trindade econômica como manifestação da Trindade imanente”** (FORTE, 1949, p. 19-21).

Com isto se quer dizer que, se conhece a Deus por sua manifestação na história, manifestação que é uma **autocomunicação de Deus** aos homens em Jesus Cristo e no Espírito

Santo. Deste modo, este livro procura **pensar historicamente** a DEUS e **teologicamente a história**, ou seja, pensar historicamente a Trindade e trinitariamente a história.

Então aqui se encontra o caminho seguido pelo Concílio Vaticano II nas pegadas de Karl Rahner de que a “Trindade econômica é a Trindade imanente”. Ou seja, **a Trindade como é em si (imanente) se dá a conhecer na Trindade como é para nós (econômica)**. O Deus em si é o Deus que se revela, pois se o Deus em si fosse diferente do Deus narrado na história, não haveria caminho para que a humanidade pudesse penetrar nas profundezas da vida trinitária.

Ainda, conforme Forte, essa correspondência, porém, não deve ser entendida como identidade: **a economia não pode esgotar o mistério divino**. Neste sentido a relação entre economia e imanência do mistério gera uma **dialética: a Trindade imanente é a Trindade econômica** e, ao mesmo tempo, **a Trindade imanente não é a Trindade econômica**.

A síntese, porém, necessita da escatologia: somente quando “Deus for tudo em todos” história e glória viverão numa dimensão plenamente reconciliada.

2. O Deus da Bíblia

2.1 Revelação progressiva do agir e do ser de Deus

Crer em Deus, na realidade de um absoluto sobre todo o existente é o artigo do qual depende toda a fé judaico-cristã, bem como também, dependem todos os demais artigos do Credo. Decorrente desta fé em Deus encontra-se a afirmação de que este Deus é único. Não existe outro Deus, a revelação, já contida no Antigo Testamento vai desenvolver claramente esta ideia: **“Ouve Ó Israel: O Senhor nosso Deus é o único Senhor! Portanto, amarás o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força”** (Dt 6,4-5).

A tentação permanente do cristão e, por conseguinte, também do teólogo cristão é o **monoteísmo**, entendido no **sentido grego**, bem diferente do monoteísmo hebraico e bíblico:

Para **a concepção grega, ser monoteísta é crer em um Deus geral, sem nome ou rosto, uno e solitário, indiviso e monárquico**. É uma visão racionalista de Deus. O Deus que existe é um ser supremo sem capacidade de relacionamento (BINGMER; FELLER, 2002, p. 35).

Na compreensão judaico-cristã, Deus não é um ser sem identidade. Deus é Alguém com quem a humanidade se relaciona. Deus se mostra na história, revela-se e relaciona-se com a pessoa humana, manifesta sua identidade. Deus é o **totalmente Outro** em relação ao ser humano, na expressão de Karl Barth.

O Deus cristão não é o Deus dos teísmos, nem o Deus geral que se apresenta como um ser transcendente sem rosto próprio. Mas é o Deus que se revelou ao povo de Israel, à primeira comunidade cristã e a nós hoje.

A Bíblia é palavra, é **comunicação de Deus sobre si próprio**, que tem seu ponto auge em Jesus Cristo, a **plenitude de toda Revelação de Deus**. A Bíblia será, então, uma **revelação progressiva** do agir e do ser de Deus, que se apresenta com **paradoxos radicais**, ou seja, com atributos que parecem inconciliáveis, mas que na verdade vão compondo progressivamente uma síntese única, a qual vai fazer com que o Povo de Deus o reconheça como único (BINGMER; FELLER, p. 37, 2002).

1. Santidade transcendente – Aproximação e comunhão

AO MESMO TEMPO, que o Deus da Bíblia é o altíssimo, transcendente e inatingível, esta mesma transcendência é percebida na proximidade, no estar próximo, no ser conosco, no revelar-se, mostrando o seu rosto e dizendo seu nome (Ex 3,5-6). O mesmo Deus que não se pode olhar de frente (1Rs 11), que não se pode ver sem morrer, que não admite concorrência com outros deuses (Ex 20,2s), é o mesmo que propõe e escolhe aquele que é seu povo como esposa, como parceria de aliança.

2. Universalidade e particularidade

A vocação universal de Israel está em tensão permanente com a corrente particularista ou nacionalista, que dá extrema importância às tradições e à identidade do povo. **AOS POUCOS**,

Israel vai percebendo que a sua eleição enquanto povo concreto é para uma missão de salvação universal.

3. Teologia – Antropologia

A revelação de Deus manifesta quem é ele, enquanto Senhor de Israel e do mundo inteiro, mas também e inseparavelmente vai revelando quem é o ser humano a quem este Deus se dirige e para quem pronuncia sua palavra. A experiência antropomórfica (com forma humana) e antropopática (com sofrimento, passibilidade e vulnerabilidade humanos) de Deus remete à sua personalidade transcendente, a qual, em vez de ser reduzida ou minimizada, é, pelo contrário, revelada com mais nitidez. É assim que **CONHECER A DEUS IMPLICARÁ EM CONHECER MELHOR AO SER HUMANO**, e vice-versa: o conhecimento de si mesmo e do próximo levará a conhecer melhor a Deus

4. Mística – Ética

A experiência religiosa mais profunda do mistério de Deus leva a uma ética, uma práxis. Israel logo vai perceber que a perda da maneira correta de se relacionar com os outros resulta na perda da maneira correta de se relacionar com Deus. Ou seja, a injustiça leva à idolatria, e vice-versa.

2.2 Deus no Antigo Testamento: os fios condutores de sua Revelação e sua identidade

Ao povo de Israel Deus revelou-se **GRADUALMENTE**. Ao contrário do que se pensa normalmente, o Antigo Testamento não traz em si uma **“teologia única”**, isto é, uma concepção ou modo de ver a Deus. Cada momento histórico, cada tradição faz a sua afirmação sobre quem é Deus. Neste sentido as imagens e compreensões sobre Deus passaram por um longo processo, evoluindo e sendo lapidadas pela comunidade judaica ao longo dos séculos.

2.2.1 Primeira etapa: o Deus terrível

Situação histórica: tempo da conquista da terra aos primeiros reis (1250 a 900-800 a.C.)

Ideia de Deus: Deus não aparece com um poder universal, tal como aparece para nós. Ele é o Deus da terra onde habitam os que o adoram. Nesta terra ele concentra poder e autoridade. Estar longe da terra equivale a estar longe de Deus e da sua proteção.

Textos fundamentais: Ex 19,20-23; Ex 20,18-20.

Experiência de Deus: o ser humano sente-se pequeno diante do tremendo mistério de Deus (Ex 3,1ss).

Atitude religiosa: o ser humano não pode aproximar-se familiarmente da terrível santidade de Deus. Para isso, é preciso de um intermediário, alguém que seja, ao mesmo tempo, santo e humano. A necessidade de purificação para o encontro com Deus. Os puros, Deus acolhe, os impuros, Deus rejeita. Crescem os ritos de purificação. O profano não deve tocar o sagrado.

2.2.2 Segunda etapa: o Deus da aliança

Situação histórica: De 900 a.C. ao desterro de Judá na Babilônia.

Ideia de Deus: Continua a de ser um Deus não universal, mas territorial, o Deus dos Pais. Aqui se dá a monolatria (henoteísmo) o povo adora o seu Deus em meio aos deuses dos povos vizinhos. Javé é o Deus de Israel, porque escolheu Israel como povo.

Textos fundamentais: Dt 26,5-11; Dt 5,1ss; Mq 4,5.

Experiência de Deus: Deus que se “aproxima” mais do ser humano. Aproximação como sinônimo de proposta, de pacto, de ligação, de aliança. Mais do que uma relação exterior estabelecida pelos ritos desvinculados de uma prática, trata-se de uma relação mais pessoal e próxima, mais moral do povo com Javé.

Atitude religiosa: A fidelidade é a imagem das relações entre o povo e seu Deus. Israel é entendido como a esposa de Israel (Os 2,14ss). O decálogo se apresenta como código da aliança. Se Israel cumpre os mandamentos, Deus cumpre a sua parte e protege Israel.

2.2.3 Terceira etapa: o Deus transcendente e criador

Situação histórica: tempo do exílio e restauração de Israel (550 a.C.).

Ideia de Deus: Deus é criador do céu e da terra. Essa descoberta é feita a partir da experiência do cativo. Isaías responde aos lamentos do povo, anunciando que Deus irá resgatar seu povo, pois Deus é tão Deus em Israel como na Babilônia. Deus é o único. Todos os povos são, diante dele, nada e vaidade.

Textos fundamentais: Is 40,12-17ss; Gn 6,1-8.

Experiência de Deus: Deus é o criador e o ser humano é criatura, pequena e contingente. É carne, objeto da ação criadora, que anseia por ver a glória de Deus (Is 40,5-8). Ao se relacionar com o ser humano, Deus mostra a sua transcendência. Deus é o único poder diante do qual nada resiste.

Atitude religiosa: A criatura deve se submeter ao seu criador ou será exterminada. A criatura nada pode exigir ou cobrar de Deus (Ez 21,8ss). Deus se apresenta universalmente como Deus. Já não se ousa, em Israel, pronunciar o nome de Javé, substituindo por Adonai (Senhor).

2.2.4 Quarta etapa: o salto além da morte – o desafio do Deus justo

Situação histórica: Período do domínio do imperador grego Alexandre o grande 177-175 a.C. A religiosidade de Israel se depara com a cultura e a filosofia helênica. Esta síntese será o pano de fundo da transição do A.T. para o N.T.

Ideia de Deus: Deus é criador daquilo que é bom. A criação é boa. Ela não cria para a morte, mas para a vida

Textos fundamentais: Sb 1,13-14; 12,15; 16; 2,1-11;

Experiência de Deus: O ser humano vive uma alternativa de liberdade, podendo escolher acreditar ou não que: a) a morte acaba com a sua existência e, portanto, o melhor seria aproveitar todas as delícias da vida; b) a justiça sobreviva à morte. Eis a esperança do justo, cerne da vida de Jó. O mal e a injustiça são uma espécie de prova. O ímpio aposta que a morte é o fim de tudo (goza de tudo e oprime o justo). O justo reserva-se para uma existência que há de vir.

Atitude religiosa: Esperar a justiça na imortalidade. Crer que Deus faz justiça além do prazo da existência humana (Sb 3,1-5). Deus é justo e busca a justiça, exigindo uma santidade moral. Nova aproximação com Deus. Deus cria o ser humano para uma vida que não termina.

Retomada e releitura cristã das quatro etapas:

Primeira etapa: Deus, o absoluto, é o amor. E esse absoluto não existe fora história. A **ENCARNAÇÃO** do Filho de Deus demonstra isso.

Segunda etapa: O Deus da aliança é o Deus do Reino. Somos colaboradores de Deus num grande desígnio histórico. Somos o novo povo de Deus, o **POVO DA NOVA E ETERNA ALIANÇA**.

Terceira etapa: O plano de Deus é **UNIVERSAL** como o próprio Deus. Não é um domínio, um privilégio estreito de um só povo ou de um pequeno grupo de escolhidos, mas, sim, uma busca comum da verdade que transforma o mundo.

Quarta etapa: A ligação prova-liberdade é superada pela noção de liberdade-construção de um mundo novo. A justiça de Deus sobre o sofrimento do inocente encontra sua expressão definitiva na ressurreição, que vem a ser a palavra interpelativa do Pai ao confirmar o caminho de Jesus Cristo.

3. O Deus de Jesus Cristo

O *kerygma* (primeiro anúncio) cristão do Novo Testamento parte de um **ENCONTRO COM O RESSUSCITADO**, que é experimentado por aqueles e aquelas que se constituem nas primeiras testemunhas do evento como experiência de graça.

Ao nos depararmos com a revelação de Deus no Novo Testamento, nos perguntamos:

Trata-se de **UMA ETAPA A MAIS**, ou da **PLENITUDE DA REVELAÇÃO?**

O Novo Testamento será uma síntese, pois trará em seu centro a pessoa de Jesus de Nazaré, embora se inserindo na tradição do Antigo Testamento.

Jesus revelará uma novidade radical a respeito de Deus.

A **questão** da **MORTE**, o modo como dela se fala.

No *Novo Testamento* há uma grande importância às mortes violentas e ao martírio (João Batista, Jesus, Estevão).

No *Antigo Testamento*, por outro lado, as mortes dos patriarcas (Abraão, Moisés) não são importantes, a ponto de sequer insistir-se na sua narração.

A vida do ser humano se dá nos limites do terrestre e a sua chance de *imortalidade* se dá na chance da prole, nos filhos que vão continuar essa vida.

Tardiamente, como vimos, é que surge no Antigo Testamento a concepção de uma *justiça divina* que *sobrevive à morte* (BIMGMER; FELLER, 2002, p. 61).

Qual a **NOVIDADE DE FUNDO** então? É a **MORTE E RESSURREIÇÃO** de Cristo. A partir dessa ressurreição a primeira comunidade reconheceu **EM JESUS o Filho de Deus e Deus mesmo**. Jesus Cristo, morrendo e ressuscitando deu um novo sentido à morte e, conseqüentemente, à vida. Trata-se de um sentido que só Deus, Senhor da vida e da morte, poderia dar (BIMGMER; FELLER, 2002, p. 61).

O que implica afirmar que Jesus é o **FILHO DE DEUS E DEUS MESMO**?

Para um judeu aceitar Jesus implica em *negar o monoteísmo*. É incompatível com a fé monoteísta, tal como o Judaísmo a concebe, existir um ser humano que faça as obras de Deus e mais ainda, que seja de natureza divina.

Suposta a fé em Jesus Cristo, surge a questão:

De que maneira a cristologia pode fornecer ou possibilitar uma experiência de Deus? Crer na divindade de Cristo implica em reduzir a fé no Deus do Antigo Testamento? Como harmonizar a experiência de Deus relatada no Antigo Testamento, onde Deus aparece com características diversas, com a experiência que encontramos em Jesus Cristo onde Deus é amor?

Diante dessas perguntas, é possível concluir que...

É preciso olhar para a pessoa de Jesus de Nazaré e perceber que ele não propõe uma doutrina organizada sobre Deus. O “escândalo” do Novo Testamento sobre Jesus não é tanto o fato de que ele se proclame Filho de Deus, mas em invocar o **nome de Deus como Pai**. A ação de Jesus respaldada pelas suas palavras, mostra um **Deus diferente** do Deus dos fariseus, dos escribas e dos saduceus. Na invocação que Jesus faz de Deus como Pai esta o germe de uma **nova doutrina sobre Deus**.

Como fazer a **ligação** da experiência de Deus do Antigo Testamento com a **novidade** radical trazida por Jesus?

Primeira hipótese: o Antigo Testamento seria uma constituição definitiva da doutrina sobre Deus. Jesus não acrescentaria nada de novo ao Antigo Testamento. *Mas como entender a tensão e a oposição entre o Deus do Antigo Testamento e o Deus de Jesus?* Entre um Deus vingador e juiz, e um Deus amor. Segundo essa hipótese, Jesus seria a vítima propiciatória que não inovaria nada, mas viria apenas restaurar e reconciliar.

O **limite dessa interpretação** seria ler o Novo Testamento a partir do Antigo, ressaltando a dificuldade que a Igreja teria em assumir todas as implicações e inovações do agir de Jesus.

Segunda hipótese: o Antigo Testamento não seria uma doutrina sobre Deus, mas a narrativa das suas ações em favor do povo. *Por elas, Israel nomeia e invoca a Deus, mas elas não o esgotam.* Permanece a soberania e a liberdade de Deus. Entre as inúmeras descrições das ações de Deus, uma se impõe, a mais humana e integral, que é precisamente a própria pessoa e obra de Jesus.

Essa segunda hipótese situa o **Antigo Testamento como relato de uma relação onde Deus e o ser humano são parceiros**, relação essa transformada incessantemente por novas situações.

Jesus se inscreve nessa perspectiva: **ao mesmo tempo fiel, inovador e original**. Sendo assim, o Antigo Testamento não julga mais Jesus. Ele não pode ser descrito num quadro de referência preestabelecido, mas a ação de Jesus dá perspectiva para as ações precedentes, pois ele reúne ação e invocação. Desta forma, não há mais oposição entre o Antigo e o Novo Testamento. Ambos fazem parte de um movimento único, cuja origem e fim nos escapam. **Jesus não é apenas uma revelação a mais, mas o próprio Deus revelado.**

Acontecimento/Evento central do Novo Testamento - na encarnação do Verbo, Deus invade a terra, adentra na história. Em Jesus Deus vem até a humanidade. Deus Filho, a segunda pessoa da Trindade quer estabelecer a comunhão entre Deus e os homens. Nisto se entende que Deus não é um teorema, um enigma da lógica, mas um mistério de **comunhão** e de **salvação** que atrai e possibilita, em Jesus Cristo, o acesso à comunhão profunda com ele.

Jo 1,1-18; Fl 2,6-12;

3.1. Jesus Cristo, Deus e homem verdadeiro

O **tema da divindade de Jesus Cristo** e da relação entre o Pai e o Filho nos textos neotestamentários é, simplesmente, a questão sobre a qual se assenta todo o edifício de nossa fé cristã.

“O acontecimento único e totalmente singular da Encarnação do Filho de Deus não significa que Jesus Cristo seja em parte Deus e em parte homem, nem que ele seja o resultado da mescla confusa entre o divino e o humano. Ele se fez verdadeiramente homem permanecendo verdadeiro Deus. Jesus Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro homem. A Igreja teve de defender e clarificar esta verdade de fé no decurso dos primeiros séculos, diante das heresias que a falsificavam” (CIC, n. 464).

Deve-se dizer, que em termos de fé trinitária, a teologia é prudente ao afirmar a divindade do Filho e do Espírito Santo, porque esta tem que estar em perfeita sintonia com a afirmação da existência de um só Deus, para não acontecer de cair no erro triteísta (doutrina que afirmaria a existência de três deuses).

3.2 A relação entre o Deus Pai e o Deus Filho no Novo Testamento

É preciso, primeiramente, estabelecer a distinção entre Jesus e o Pai. Se afirmarmos, simplesmente, que **Jesus é Deus**, da mesma forma como afirmamos que o **Pai é Deus**, corremos o risco de identificar Jesus e o Pai, acabando com a alteridade. **O que está em questão aqui? É a UNIDADE** do Deus Trindade.

3.2.1 Conceito de pessoa – *persona/prosopon*

Desde Tertuliano esta palavra recebeu um significado novo para indicar os Três Nomes divinos. O conceito de pessoa é muito importante para o pensamento trinitário.

Um conceito pessoa (de Boécio) é: substância individual de natureza racional. Porém, essa noção mantém a individualidade, mas desconsidera a relação. Um conceito de pessoa isolado. Por isso, Santo Agostinho, elabora o conceito de pessoa como relação. A pessoa é comunicação, é rosto, olhar. É o rosto voltado para o outro. Pessoa é unidade e relação. Assim se compreende a Trindade como ser pessoal (SUZIN, p. 52-53, 2002).

Fomos ensinados a pensar a **unidade pessoal como identificação**, abolindo a alteridade e as diferenças. Na Trindade a unidade subsiste na alteridade. E a alteridade subsiste na unidade. **A identificação das três pessoas divinas realiza-se no amor, que inclui as diferenças.**

Nos escritos joaninos a tensão entre **ALTERIDADE** e **UNIDADE** entre Deus Pai e Jesus é bastante presente. Alguns textos enfatizam a unidade de Jesus com o Pai.

Jesus fala do Pai e com o Pai em termos de equivalência de importância e dignidade: “*Eu e o pai somos um*” (Jo 10, 30);

“Quem em vê, vê o Pai. Como podes dizer: ‘Mostra-nos o Pai?’ Não crês que estou no Pai e o Pai está em mim? As palavras que vos digo, não as digo por mim mesmo, mas o Pai, que permanece em mim, realiza suas obras. Crede-me: eu estou no Pai e o Pai está em mim” (Jo 14, 9b-11);

“Não te rogo somente por eles, mas pelos que, por meio de sua palavra crerão em mim: a fim de que todos sejam um. Como tu Pai, estás em mim e eu em ti, que eles estejam em nós, para que o mundo creia que tu me enviaste” (Jo 17, 20-21).

Nisto podemos compreender que, a TENSÃO entre **ALTERIDADE** e **UNIDADE**, vai revelando a identidade de Jesus como humano e divino.

As lições sobre o ser de Jesus vão, necessariamente, remeter ao ser de Deus.

Em algumas passagens de João, Jesus aparece dizendo de si mesmo *“Eu sou”* (Jo 8, 24. 28.58; 4, 26; 6, 20; 13,19; 18, 5-6).

Essa expressão faz analogia com o *“Eu sou”* de Javé (Ex 3, 14), presente no Antigo Testamento. Para os evangelistas é muito claro que Jesus não é só revelador de Deus, mas a revelação mesma. É Deus mesmo.

Outros textos destacam a **ALTERIDADE**, a **DISTINÇÃO** entre o Pai e Jesus.

Jesus fala do e ao Pai, mas mantendo uma respeitosa e reverente distância que se expressa em termos de uma absoluta e amorosa obediência filial: *“Em verdade, em verdade eu vos digo: o Filho, por si mesmo, nada pode fazer mas só aquilo que vê o Pai fazer; tudo o que este faz, o Filho o faz igualmente. Porque o Pai ama o Filho e lhe mostra tudo o que faz e lhe mostrará obras ainda maiores do que essas para que vos admireis”* (Jo 5, 19-20);

“Vós ouvistes o que vos disse: vou e retorno a vós. Se me amásseis, ficaríeis alegres por eu ir para o Pai, porque o Pai é maior que eu. Eu vo-lo disse agora, antes que aconteça, para que, quando acontecer, creiais. Já não conversarei muito convosco, pois o príncipe deste mundo vem; contra mim, ele nada pode, mas é preciso que o mundo saiba que amo o Pai e faço como o Pai me ordenou” (Jo 14, 28-29);

Quando Jesus de Nazaré se revela como o messias esperado, o Filho eterno de Deus, ele não está suplantando, mas completando a revelação iniciada no Antigo Testamento. De um grande emaranhado de imagens de Deus já presentes nas diversas teologias existentes na Escritura, Jesus faz uma síntese: Javé é o Pai de bondade, o Deus do Reino. Jesus não contraria a revelação do Antigo Testamento. Em Jesus, Deus se faz um de nós. Jesus é a encarnação do grande amor de Deus Pai pela humanidade. É a imagem visível de Deus invisível (Cl 1, 15). Por isso, só em Jesus de Nazaré temos a imagem nítida e perfeita de Deus. No entanto, em toda a Escritura podemos encontrar traços luminosos dessa paternidade divina que será plenamente revelada no Novo Testamento.

3.3 O Pai gera, o Filho é gerado

Israel conheceu Deus como Pai, porque **Javé fizera dele seu povo eleito**, libertando-o da opressão, velando sobre ele sem cessar. Mas que Deus seja Pai por geração, que sua *divindade* se identifique com sua *paternidade* em relação a um filho, são coisas que nunca afloraram no pensamento judaico.

“Ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar” (Mt 11,27; Jo 10,15).

A experiência de Jesus obtinha o sentido de paternidade total, a da geração e da proteção paterna. Ele invocava Deus à maneira de criança que diz *“Abba”* e cuja existência depende desse homem e de sua presença benevolente junto dela.

Jesus se dirige a Deus como *“Abba”*, mostrando que entre o Pai e Ele, a relação é: de pertença recíproca: *“o que é meu é teu”* (Jo 17,10); de recíproca imanência: *“o Pai está em mim e eu no Pai”* (Jo 10,38); de comunhão: *“o Pai está comigo”* (Jo 16,32); de unidade perfeita *“Eu e o Pai somos um”* (Jo 10,30);

Jesus se sabia “nascido de mulher” (Gl 4, 4), mas na profundidade de seu ser, vivia só em referência a Deus como a sua origem permanente. Quando ele diz: “*Meu Pai é maior do que eu*” (Jo 14, 28), não quer exprimir estado de inferioridade, porque tudo é comum entre Ele e seu Pai. Mas o Pai é maior, porque o Pai é o primeiro, a fonte, e Jesus vive por Ele.

O termo GERADO é usado para que se possa abrir a visão sobre Deus a algum conhecimento possível. Caso contrário não teria sentido usar o termo “geração” para ilustrar o mistério da relação entre o Pai e o Filho.

Adão foi o primeiro criado, como que, modelado pelas mãos de Deus. O Filho, porém, não é modelado (criado) por seu Pai, ele é tirado de sua substância. Jesus saiu das profundezas do mistério do Pai. Muito mais que em nascimento terrestre, Jesus saiu de seu Pai naquilo que há de mais íntimo em Deus: da pessoa do Pai.

Na terra a criança sai pela biologia daquilo que o homem tem: de sua natureza humana e terrestre. A criança não vem daquilo que o homem é em sua profundidade. O Filho único (Jesus) não saiu da natureza divina que o Pai tem. A pessoa do Pai, enquanto tal gera. É assim que Deus é. É assim que o Pai é. Seu ser se constitui produzindo o Filho.

Neste sentido a Tradição da Igreja sempre compreendeu que Deus é a plenitude do “Ser”, e de toda a perfeição. É absoluto, sem origem nem fim. Não há um momento em que ele começou a existir nem um momento em que deixará de ser. Enquanto que as criaturas participam do “ser” de Deus, porque existem por causa dele, Ele próprio “é” desde toda a eternidade.

4. O Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo

“A Trindade como história”

O Deus dos cristãos é **Uno** e **Trino**: “*Fides omnium christianorum in Trinitate*” - A fé de todos os cristãos consiste na Trindade – diz-nos São Cesário de Arles. Para se falar em Deus, é necessário, falar em Deus como Trindade.

A fé no Deus único é fundamental na fé cristã. Crê que em Deus subsistem três pessoas distintas,

Pai e Filho e Espírito Santo: “Cremos e firmemente e afirmamos simplesmente que há um só verdadeiro Deus, eterno e imutável, incompreensível, todo poderoso e inefável, Pai, Filho e Espírito Santo: Três pessoas, mas uma Essência, uma Substância ou Natureza absolutamente simples” (IV Concílio de Latrão).

4.1 Deus, o Pai, início do amor

O Pai é o princípio sem princípio, o não-gerado. Na história da salvação Ele é aquele que ama o Filho e ama a humanidade a ponto de entregar seu amado Filho à morte. Ele é Pai, porque possui um Filho. A relação entre Jesus e o Pai gera a identidade e a pertença recíproca. O Pai, na antiga expressão agostiniana é aquele que ama.

A partir do fato de que na economia cabe sempre ao Pai a iniciativa do amor, diz-se que o amor do Pai é o **AMOR DE MANANCIAL**, de fonte: O Pai é o princípio, a fonte e a origem da vida divina (FORTE, p. 94, 1987).

Seu amor não é um amor fechado, mas uma amor “*generante*”. O Pai amando, gera o Filho amado:

“Confessamos que o Pai não é gerado nem criado, mas é *‘ingerado’*. Ele, com efeito, de quem o Filho recebe o nascimento e o Espírito Santo a processão, não tem de ninguém a origem. Ele é, portanto, a fonte e a origem de toda a divindade” (IX Concílio de Toledo, 675)

Deus Pai é amor. Deus ama a seu Filho Jesus e a nós por meio dele. Por esse processo de amor passa-se da história para a eternidade do seu amor. A economia nos remete à imanência do mistério divino (FORTE, p. 92, 1987).

“Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único, para que todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

“Não poupou o seu próprio Filho e o entregou por todos nós” (Rm 8,32) - A loucura do amor divino (1Cor 1,18-25).

Diz Tomás de Aquino que: “Aquilo pelo qual a pessoa do Pai se distingue de todas as outras é a paternidade. Por isso o nome próprio da pessoa do Pai é este nome de Pai, que significa a paternidade”.

Deus é Pai enquanto amor **ORIGINÁRIO** e **ORIGINANTE**.

4.2 Deus, o Filho amado, gerado no amor

Jesus é o Filho de Deus, o Filho amado, o Unigênito: é a palavra, o Verbo do Pai. Ele é o Filho do Pai. Em relação àquele que é o princípio e fonte, Amor eternamente amante, **o Filho é o gerado, e eternamente amado.**

O que o caracteriza como Filho é o nascer de outro, é a filiação. O Amante é o princípio do Amado. No Pai reside a fonte do amor e no Filho está colocada a receptividade do amor.

Desta forma o **amor eterno é distinção**: o Amante não é o Amado, o Pai não é o Filho.

“Confessemos também o Filho, nascido sem início antes dos séculos, da substância do Pai, não criado, no entanto, porque nem nunca existiu o Pai sem o Filho nem o Filho sem o Pai. E, todavia, não como o Filho é do Pai o Pai é do Filho, porque não foi o Pai que recebeu a geração do Filho, mas o Filho do Pai. O Filho é portanto, Deus procedente do Pai, o Pai é Deus mas não procedendo do Filho. Ele é o Pai do Filho, não Deus procedente do Filho; aquele, ao invés é Filho do Pai e Deus procedente do Pai” (IX Concílio de Toledo, 675).

4.3 Deus, Espírito Santo, aquele que une e procede do Pai e do filho

Dizer que Deus é Pai é mais fácil. Praticamente todo mundo teve uma experiência de ter um pai, ou um avô ou então alguém que representasse essa figura. Quando dizemos que Deus é Filho, logo pensa-se na relação que existe entre um pai e um filho. Ou seja, a imagem que nos vem a cabeça é a de um pai que ensina o filho a caminhar, que brinca com o filho, etc. Quer dizer, entender que Deus é Pai e Filho é mais fácil.

Agora como entender que Deus é “Espírito Santo”. O que afinal significa isso?

A tradição cristã também teve dificuldades para representar essa figura. Na maioria das vezes o Espírito Santo é representado por uma pomba, por ser esta a imagem que se encontra no Evangelho (Mc 1,9-11). Mas afinal o que se pode dizer sobre ele?

Deve-se entender que o Espírito Santo é uma pessoa, é alguém e não uma força ou energia. Quando dizemos que Deus é Pai, e Filho e Espírito Santo, dizemos que são três pessoas divinas distintas. Pessoas distintas, mas que formam um único Deus. E os **distinguimos** não por sua dignidade, pois nenhum é inferior ao outro.

MAS POR SUA RELAÇÃO: o Pai gera, o Filho é aquele que é gerado, e o Espírito Santo procede do Pai e do Filho.

4.3.1 Conceito de **pericorese** dos **prosopos**

É uma metáfora de uma dança de crianças em que uma criança fica imóvel no meio da roda e todas as outras se movem ao seu redor, com ritmo, palmas e dança. Até que por um sinal outra criança entra no centro da roda.

Assim é a Trindade, uma **DANÇA**. Na história do mundo há uma pericorese das Três pessoas divinas que se movem, e uma delas toma o centro da ação no mundo.

Na **criação**, o Pai está no centro como criador de todas as coisas e o Filho e o Espírito ao seu redor. Na **encarnação** e **redenção**, o filho está no centro. Na **santificação**, o Espírito está no centro, e o Filho e o Pai ao redor.

Pericorese é a interpenetração das Três Pessoas, numa verdadeira “dança de roda”. Trata-se da **coabitação**, **coexistência**, **compenetração** e **consustancialidade** das Pessoas entre si.

“Tudo nelas é comum e é comunicado entre si, menos aquilo que é impossível de comunicar: o que as distingue uma das outras” (BOFF, 121-122, 1987). Isso traz indicações concretas para a vida de comunhão e de participação dentro da Igreja e da sociedade.

Quer dizer que, as Três pessoas divinas agem sempre juntas. “Para insinuar a Trindade, ainda que seja atribuindo separadamente certas coisas a uma das Pessoas divinas e certas outras à outra Pessoa, não se deve entender como se as Pessoas estivessem separadas entre si, visto que o Pai, o Filho e o Espírito Santo não possuem na Trindade senão uma só e mesma unidade, uma só e mesma **SUBSTÂNCIA** e uma só e mesma deidade” (SANTO AGOSTINHO, *A Trindade*, livro II, cap. 5, parágrafos 7-10, p. 76-81).

O vocábulo **SUBSTÂNCIA** (*OUSÍA*) - Concílio de Constantinopla (381).

Em Deus há uma só **OUSÍA** (essência, substância, natureza) e três **PRÓSOPA** ou **HIPOSTÁSIS** (pessoas, individualidades, três subsistentes distintos). Ou seja, **TRÊS PESSOAS** (prósopa) **E UMA NATUREZA** (ousía). Dado o fato de a razão admitir uma pluralidade de Pessoas, a **unidade todavia não admite uma pluralidade na essência**.

Pode-se dizer: um é o Pai, outro o Filho, outro o Espírito Santo. Mas não se pode dizer: uma coisa é o Pai, outra coisa é o Filho, outra coisa é o Espírito Santo.

Ao Pai é atribuída a eternidade sem geração: o Pai é o que gera, o Filho é gerado, o Espírito Santo, o que procede.

O Pai gerou o que ele mesmo é: Deu ao Filho tudo o que é seu, exceto o ser Pai. O Filho é igual ao Pai em tudo. É da mesma natureza que o Pai e de sua mesma substância. Jesus Cristo é consubstancial ao Pai.

O Espírito Santo é (procedente do Pai e do Filho): verdadeiramente tanto do Pai como do Filho. Pai, Filho e Espírito Santo são de uma mesma e única natureza, por esse motivo são consubstanciais, coiguais (*coaequales*). Desse modo, na Trindade não há nada que seja superior ou inferior, maior ou menor.

O Pai, o Filho e o Espírito Santo são iguais: na divindade (são Deus perfeito); Na glória e majestade; na eternidade (na Trindade não há nada anterior ou posterior, ou sem o outro); não há uma gradação do poder na Trindade.

As Três Pessoas são um só Deus (número existe em Deus só quanto as **Pessoas**). Atribui-se o único nome da Divindade às três pessoas. Nas três pessoas há **UMA** (mesma, comum, singular) substância divina. O Pai é o mesmo que o Filho, o Pai e o Filho são o mesmo que o Espírito Santo, isto é: pela **natureza** um só Deus.

Novamente reaparece aqui a importância fundamental de refletir sobre o **CONCEITO DE PESSOA**. Na atual cultura ocidental, espalhada em quase todo o mundo, esse termo é entendido como individualidade, sujeito, subjetividade, e até mesmo como subjetividade fechada individualismo.

Pericorese significa que para cada pessoa, é a outra pessoa que está no centro. É o contrário do narcisismo. Narciso é o personagem grego que se enamorou de si mesmo pelo espelho da água, e por isso, não se enamorava de mais ninguém separando-se de todos. Na **pericorese**, cada pessoa se distingue não por se separar, mas por ser voltada totalmente para o outro. Em Deus as pessoas não são narcísicas, são pericoréticas. Cada um tem prazer na outra, encontra realização na outra, encontra sua realização na outra, é feliz na outra. **Pericorese** exprime então, a união das três Pessoas na única essência. A habitação das pessoas da Trindade uma na outra.

No Deus Uno e Trino, verifica-se um eterno processo vital de permuta de energias. O Pai existe no Filho, o Filho existe no Pai, e ambos existem no Espírito, da mesma forma como o Espírito existe em ambos. Vivem e habitam tão intimamente um no outro, por força do amor, de tal sorte que são um só. É um processo da mais perfeita e da mais intensiva empatia. Justamente pelas propriedades pessoais, que os distinguem entre si, o Pai, o Filho e o Espírito habitam um no outro e compartilham da vida eterna.

Na pericorese, exatamente o que os distingue faz com que os una eternamente. A circulação da eterna vida divina completa-se pela comunhão e unidade das três pessoas diferentes, no amor eterno. Em sua pericorese, e com base nela, as três pessoas trinitárias não devem ser entendidas como três indivíduos diferentes, que apenas supletivamente estabelecem relações entre si, atraindo assim a pecha do ‘triteísmo’.

Na criação do mundo, acontece uma dança pericorética conosco. É quando a Trindade cria uma quarta pessoa e a coloca no centro da dança. A quarta pessoa é o ser humano em comunhão com toda a criação de Deus. Somos o centro da dança da Trindade, convidados a **PARTICIPAR DA COMUNHÃO COM DEUS**.

Pode-se dizer, que o Espírito Santo é o **AMOR** que **UNE** o Pai e o Filho. É o amor **entre** os dois. Mas ele é uma **pessoa**, é um alguém, é uma presença. Assim como reconhecemos em Deus Pai o criador de todas as coisas, e o Filho como o redentor de tudo o que havia sido corrompido pelo pecado, da mesma forma o Espírito é o santificador de tudo. Nele todas as coisas são transformadas. Nele a humanidade é divinizada. Ele é o renovador.

O Espírito Santo é, junto ao Pai e ao Filho, uma terceira relação divina, a relação entre as relações do Pai e do Filho, portanto, a relação das relações. Só o Espírito, que provém do Pai e do Filho constitui, conservando a distinção, a unidade do ser divino como aquele evento que é o próprio amor (FORTE, p. 132, 1987).

Portanto, o Espírito é o **VÍNCULO DE UNIDADE** entre o Pai e o Filho. O Espírito Santo garante que a **UNIDADE** seja **MAIS FORTE** que a **DISTINÇÃO**, pois **o Amante não é o Amado, ou seja, o Pai não é o Filho**. O Espírito procedente do Pai une o Gerado ao Gerante, manifestando que a distinção de amor não é a separação, mas a comunhão do Amante e do Amado (FORTE, p. 108, 1987).

4.3 O Mistério Pascal como ápice da Revelação Trinitária – **no conflito que leva a cruz**
Diante da cruz de Jesus, surgem algumas perguntas: Deus morreu na **cruz**? Deus pode **morrer**? Deus pode **sofrer**? Qual o significado da **Cruz** de Jesus para o próprio **Deus**? Como deve ser entendida a **morte de Deus** na cruz? Como podemos falar de Deus após Auschwitz?

A teologia da cruz como forma de revelação trinitária surge após os campos de concentração nazista. Como podemos falar de Deus após Auschwitz? A resposta, que num tempo de teologia, pensou Deus como ser imóvel e impassível, passa a ser visto como Deus passível. “Deus está com o homem que sofre, Deus não é impassível; misteriosamente, ele sofre pelo homem e com o homem; Deus Pai sofre uma paixão de amor” (Cantalamesa). O ser humano sente o consolo de Deus companheiro no seu sofrimento, mas também o espera como Deus que vence o sofrimento e proporciona a felicidade.

A fé cristã na Trindade não se funda somente nos poucos textos trinitários que encontramos no Novo Testamento, mas na cruz de Jesus (LADARIA, p. 92, 2005). A comunidade cristã nascente intuiu a verdade da cruz e do mistério pascal como **REVELAÇÃO TRINITÁRIA DE DEUS**. Intuiu que só se capta a extensão deste mistério olhando para o crucificado. E este olhar é o que abre o caminho para que os olhos encontrem também o Deus que ele chama de Pai e Espírito que o moveu durante toda a sua vida, e que é por ele entregue no momento de sua morte.

As três misteriosas **ENTREGAS** que a comunidade cristã percebe na fé e escreve e testemunha:

1) *A que o Filho faz de si mesmo ao Pai (Gl 2,20; 1,4; 1Tm 2,6; Jo 19,30): “O Filho que por amor se entrega em nosso lugar. Vendo e sentindo a entrega do Filho ao Pai, se vê e sente o que ocorre no mistérios mais profundo da relação entre o Filho e o Pai. O Filho entra fundo no pecado e na dor do mundo, ou seja, naquele lugar mais sofrido e mais longínquo da humanidade que afasta de Deus, para assumir tudo isso no retorno da oferta e da reconciliação pascal” (BIMGMER; FELLER, 2002, p. 87).*

2. *A entrega que o Pai faz do Filho (Jo 3,16; Rm 8,32; 1Jo 4,10): “Deus o Pai de Jesus é o que o entrega. Os autores neotestamentários afirmam que Jesus, o Filho, é entregue. E entregando-o, vive e compartilha do sofrimento do Filho bem-amado. O sofrimento do Pai na paixão do Filho está enraizado numa entrega de amor que encontra seu correspondente veterotestamentário no sacrifício de Abraão (Gn 22,12). Aquilo que Abraão não precisou consumir, o sacrifício da entrega do filho único e querido, Deus o realizará até o final. Na cruz, entregando o Filho, o Pai se entrega também e sofre a mortal vulnerabilidade de sua paternidade, que é sua identidade mais profunda” (BIMGMER; FELLER, 2002, p. 87).*

3. *A entrega do Espírito (Jo19,30): “Trata-se do ato supremo e solene de entrega, por parte do crucificado, do Espírito com o qual o Pai o havia plenificado, e que lhe será dado em plenitude na ressurreição. Na sexta-feira santa, na paixão e morte de Jesus Cristo acontecem: a entrega do Filho ao Pai; a entrega que o Pai faz do Filho à morte pelos pecadores; a entrega do Espírito Santo para que o crucificado chegue e permaneça no lugar do abandono, longe de Deus, com os pecadores, no exílio, no ‘lugar onde Deus não está’, na distância do Deus da vida e da esperança que abre o futuro. O Espírito Santo é, desta forma, na paixão, aquele que mantém o colóquio trinitário no silêncio da morte e no momento do triunfo do poder das trevas, quando a criação mergulha nas trevas do caos inicial” (BIMGMER; FELLER, 2002, p. 88).*

A cruz é a história trinitária de Deus. “Mas, se a **quenose** do Filho até a morte de cruz é a ‘revelação de toda a Trindade’, então esse evento só pode ser apresentado como um evento trinitário de Deus. No evento da cruz são reveladas as relações de Jesus, o Filho, para com o Pai e vice-versa. Do evento da cruz e do seu efeito libertador nos é revelado a saída do Espírito Santo, a partir do Pai (MOLTMANN, p. 255-256, 2014).”

EM RESUMO, a figura trinitária se revela na **UNIDADE** do Filho que se **ENTREGA**, do Pai que o **ENTREGA**, do Espírito **ENTREGUE** pelo Filho a acolhido pelo Pai. O único caminho para interpretar trinitariamente o evento da Paixão e morte de Jesus é afirmar que na **CRUZ, ENTREGANDO** o Filho, o Pai **SE ENTREGA** também.

Na cruz, o PAI não permanece alheio nem tampouco invulnerável ao sofrimento do Filho. Mas, pelo contrário, no evento do Gólgota, a **reflexão teológica** pode dizer que ambos sofrem: o Filho que morre abandonado pelo Pai; o Pai que sofre a morte do Filho.

Na mais profunda separação, na mais absoluta solidão está a mais profunda comunhão. E esta **COMUNHÃO SE ENCONTRA NO ESPÍRITO**, que mantém o diálogo Pai-Filho vivo e ativo: “*Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?*” (Mc 15,34).

Deus morre na Cruz? No evento da cruz, o próprio Filho de Deus morre, também **COMO DEUS**, porque nele o humano e o divino são **inseparáveis**.

O Concílio de Calcedônia (451 d.C) é bem claro em sua formulação: duas naturezas e uma só pessoa, sem confusão nem separação.

O Concílio de Éfeso (431 d.C) não nos diz que Maria é mãe somente da natureza humana de Jesus Cristo, que por sua vez é Deus. Diz que é mãe de Deus, sem outros acréscimos.

Porém, ATENÇÃO... “**Então, quer dizer que, a morte de Jesus e a morte de Deus mesmo?**” **Deus pode autoaniquilar-se?**

“A morte de Jesus não pode ser compreendida como ‘**MORTE DE DEUS**’, mas somente como a morte **em** Deus. A ‘morte de Deus’ não pode ser descrita como a origem da teologia cristã, mesmo que essa designação indique algo correto, mas apenas a cruz da **morte em Deus** e Deus nessa morte de Jesus” (MOLTMANN, p. 255-256, 2014).

“Aqui, interpretamos **o evento da cruz em termos trinitários**, como o evento de relação entre pessoas, no qual essas pessoas se constituem no seu relacionamento umas com as outras” (MOLTMANN, p. 308, 2014).

“Deus estendeu seus braços na cruz para abraçar os limites do globo terrestre” (São Cirilo de Alexandria).

“Oh, madeiro bendito, ao qual Deus foi estendido” (Balthasar).

Compreender o Cristo pendurado na cruz como o Deus *estendido trinitariamente* (Moltmann).

“O evento entre o Pai que abandona e o Filho que é abandonado e, inversamente, o aspecto vivo do evento entre o Pai que ama e o Filho que é amado. O Filho sofre em seu amor, sendo abandonado pelo Pai ao morrer. O Pai sofre em seu amor a dor da morte do Filho. Nesse caso, o que quer que suceda desse evento entre o Pai e o Filho, deve ser compreendido como o espírito da entrega do Pai e do Filho, como o espírito que cria amor pelos homens abandonados, como o espírito que ressuscita os mortos. É o amor incondicional e, portanto, sem fronteiras, que procede da dor do Pai e da morte e do Filho, alcançando o homem desamparado, a fim de criar neles a possibilidade e a força da nova vida (MOLTMANN, p. 308, 2014).”

O grito de Deus na Cruz? Na cruz, o Filho de Deus, experimenta o máximo de abandono da parte de seu Pai, porque distingue-se de tal maneira do Pai, a ponto de *afastar-se, distanciar-se* dele.

“No sofrimento e morte de Jesus se revelam duas faces. A primeira que há de mais diabólico, violento, malicioso e aterrador: o inocente que passou fazendo o bem recebe toda a maldade e a fúria dos que aparentavam ser os mais devotos e justos. A outra face é a sua paciência e o seu perdão, a perseverança em amar até quem odeia. É o amor mais forte que o ódio, que regenera quem odeia e dissolve a dureza do ódio (SUZIN, p. 67, 2002).”

Deus é capaz de sofrer...? “Se Deus fosse incapaz de sofrer em qualquer aspecto e, portanto, em um sentido absoluto, então ele também seria incapaz de amar. Se o amor é aceitação do outro sem considerar o seu próprio bem-estar, então, ele contém em si mesmo a possibilidade da compaixão e da liberdade de suportar a alteridade do outro. A incapacidade de sofrer, nesse sentido, contradiria a afirmação cristã fundamental de que ‘Deus é amor’, com a qual se rompeu com o encanto da doutrina aristotélica de Deus. Quem é capaz de amar também é capaz de sofrer, pois, neste caso também se abre aos sofrimentos acarretados pelo amor, mantendo-se, por causa do seu amor, superior a eles (MOLTMANN, p. 288, 2014).”

“[...] o próprio Deus ama e sofre a morte de Cristo em seu amor. Ele não é um ‘poder celestial frio’, nem trilha o seu caminho sobre cadáveres’, mas é conhecido como o Deus humano no Filho do Homem crucificado” (MOLTMANN, p. 284, 2014).

O mistério de Deus a partir da Cruz. Na **CRUZ** o Pai e o Filho estão **separados** no mais profundo no abandono de Jesus e, ao mesmo tempo, na **ENTREGA**, estão unidos no mais profundo.

Nessa **separação** o Espírito Santo é o **VÍNCULO DE UNIÃO**, que une tanto a separação como a união do Filho e do Pai.

“O que acontece na cruz sucede antes de tudo ‘entre Deus e Deus’, produz uma profunda separação em Deus, porque Deus abandona Deus (O Pai abandona o Filho) e assim contradiz-se a si mesmo, mas ao mesmo tempo, produz-se em Deus uma profunda unidade, que se mostra no Espírito que une o Pai e o Filho (LADARIA, p. 87, 2005).

A distância entre o Filho e o Pai que o abandono de Deus significa é real, *não é ficção*. Jesus experimentou uma distância de Deus Pai maior do que qualquer pessoa que se encontra afastada de Deus na vida presente (LADARIA, p. 96, 2005).

O Pai entregou seu Filho amado, entregou-o à morte, entregou-o nas mãos dos homens. Mas devemos evitar pensar que o Pai entregou o Filho à morte como fizeram os homens (Mt 17,22). O Pai entrega o Filho nas mãos dos pecadores, não se deleita no sofrimento de Jesus. Aceita a morte de seu Filho nas mãos dos homens porque respeita a nossa liberdade e assim nos oferece a maior demonstração de seu amor. Deus Pai, o que gera o Filho, não pode querer diretamente sua morte (LADARIA, p. 97, 2005). A definição **DEUS É AMOR**, encontra-se realizada na CRUZ. A morte entra no desígnio de Deus e encontra em Jesus não a rebelião, mas a plena correspondência: “*Abbá*”, *Pai; tudo te é possível: afasta de mim este cálice. Mas não se faça a minha vontade e sim a tua*” (Mc 13,36).

Jesus também entrega-se por amor: “... *que me amou e se entregou por mim*” (Gl 2,20). “... *como Cristo também nos amou e se entregou a Deus por nós como oferenda e sacrifício de suave odor* (Ef 5,2).

Não podemos falar, portanto, de um **CONFLITO INTRADIVINO**, pois o abandono de Jesus por parte do Pai expressa a “distância” e a “diferenciação” das pessoas em Deus; a obediência do Filho, aceitação do desígnio do Pai e a confiança radical nele mostram a profunda **a unidade e a comunhão divina** (LADARIA, p. 97, 2005). Porém, **toda a separação deve ser vista em função de sua UNIDADE**. Não podemos esquecer que o Pai e o Filho são na pura referência um ao outro.

A Revelação Trinitária na ressurreição de Jesus. A **UNIDADE** do Pai e do Filho manifesta-se na ressurreição de Jesus. Entretanto, não se pode separar delas a efusão do Espírito dom do Pai e do Filho que, ao mesmo tempo que **exprime a união dos dois**, mostra a pertença do Pneuma ao âmbito divino, juntamente e com as duas primeiras pessoas (LADARIA, p. 101, 2005).

O Espírito Santo **intervém** na ressurreição de Jesus que tem no Pai a iniciativa. O Pai ressuscita Jesus no Espírito. Esse Espírito de Deus, que no Antigo Testamento é força criadora e que robustece o homem, é agora força de ressurreição (LADARIA, p. 101, 2005).

É na força do Espírito Santo que o Cristo foi ressuscitado. O Espírito não é o Pai. É dado por ele. O Espírito não é o Filho, mas é dado e recebido pelo Filho ressuscitado. É alguém jamais separado do Pai e do Filho, distinto e autônomo em sua ação (Mt 28,19; 2Cor 13,13). É aquele que após a ressurreição de Jesus, não deixa a humanidade órfã, mas habita em cada ser humano, dando-lhes a possibilidade de crerem amarem e seguirem Jesus Cristo (BINGMER; FELLER, 2002, p. 94).

O lugar em que o ser de Deus se revela em plenitude é a morte e a ressurreição de Jesus. A partir da cruz de Jesus deve-se determinar o que se entende por Deus. Quem fala do ponto de vista cristão tem de contar a **história de Jesus** a partir do **ACONTECIMENTO DO EVENTO PASCAL** – acontecimento do amor do Filho e da dor do Pai, de quem brota o Espírito que abre o futuro e cria a vida (LADARIA, p. 88, 2005).

Pode-se dizer que Deus é um **ACONTECIMENTO**. Quando rezamos, ora-se “**EM**” esse **ACONTECIMENTO**, mediante o Filho se ora ao Pai no Espírito Santo (LADARIA, p. 88, 2005). A Páscoa é este “acontecimento” do Deus trinitário na história.

A **Páscoa é intervenção de Deus na história**. Deus mesmo, entrando na história humana, pela encarnação, mostra qual é o sentido último desta história e faz com que a Páscoa, além de história humana, seja a **história trinitária de Deus**.

O dom do Espírito Santo enviado a nossos corações une-nos a Jesus e por ele temos acesso ao Pai.

Espírito – Filho – Pai - seria a ordem do caminho do homem para Deus, possibilitando porque antes Deus, em seu Filho e em seu Espírito, veio a nós.

Mais do que uma doutrina elaborada sobre a Trindade, o Novo Testamento mostra-nos com clareza uma **ESTRUTURA TRINITÁRIA DA SALVAÇÃO**: uma iniciativa que vem do Pai que envia Jesus ao mundo, que o entrega à morte (nos termos que conhecemos) e que o ressuscita dentre os mortos; a obediência de Jesus que por amor se entrega a nós. O dom do Espírito por Jesus da parte do Pai depois da ressurreição, que habilita o homem para a vida nova e para configurar-se com Cristo em seu corpo que é a Igreja. Sem a intervenção conjunta e, ao mesmo tempo, específica de cada um desses ‘Três’, nem o mundo nem cada homem em particular podem alcançar a salvação.

Caxias do Sul, 26 de agosto de 2019